

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

LOCAIS ARQUEOLÓGICOS E HISTÓRICOS EM ÁFRICA.

CORREIA, A. A. Mendes

Ano: 1953 | Número: 63

Como citar este documento:

CORREIA, A. A. Mendes, Locais arqueológicos e históricos em África. *Revista de Guimarães*, 63 (1-2) Jan.-Jun. 1953, p. 50-55.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Locais arqueológicos e históricos em África (*)

PELO DR. A. A. MENDES CORRÊA

Professor de Antropologia da Universidade do Porto,
Director da Escola Superior Colonial, de Lisboa.

O voto, adoptado no III Congresso Internacional do Turismo Africano, no sentido de que se tornem o mais possível acessíveis ao público e se protejam adequadamente as estações históricas e pré-históricas dos territórios africanos, e bem assim o convite aos Governos destes territórios, feito pelo mesmo Congresso, para que seja por eles reconhecida a importância da conservação dos locais de interesse estético ou científico, geológico ou outro, encontraram eco em providências tomadas por algumas entidades oficiais em vários desses territórios.

São do nosso conhecimento (sem entrarmos em conta com a acção que na matéria vem sendo há muito desenvolvida na África do Norte) a actuação realizada pelos governos e outras entidades da África Oriental Inglesa, os trabalhos de conservação na ilha histórica da Gorêa, na África Ocidental Francesa, a expensas do *Comité* Federal de Turismo e sob a direcção técnica do Instituto Francês da África Negra, as diligências de sociedades privadas e entidades oficiais da colónia de Maurícia, a acção da legislação e da Comissão dos Monumentos Históricos da União Sul-Africana e do Departamento de Arqueologia da Universidade de Witwatersrand para protecção e conservação de estações pré-históricas

(*) Relatório e proposta ao IV Congresso de Turismo Africano, em Lourenço Marques.

e históricas, a acção da mesma natureza desenvolvida pelos governos metropolitanos e pelos governos locais para Angola e Moçambique, Rodésia do Sul, Nigéria, etc.

No que respeita à África Oriental Inglesa, os National Parks Trustees do Quénia encarregaram-se das estações de Gedi, Olorgesaitlie e Karrantusi, pelo que se refere à sua conservação e acesso fácil, e, no Tanganica, promoveram-se esforços para protecção de centenas de estações. O Forte Jesus em Mombaça passará ou já passou de prisão a monumento histórico.

O Governo Português e os Governos Gerais de Angola e de Moçambique têm posto grande interesse na inventariação e na conservação de ruínas de igrejas e fortalezas construídas naqueles territórios pelos Portugueses após o descobrimento. A fortaleza de S. Miguel em Luanda foi transformada de prisão em Museu de Angola. Um arquitecto que chefiou o Serviço Português de Monumentos realizou há pouco uma missão em S. Tomé, Angola e Moçambique para estudo e protecção de templos, fortes, monumentos e ruínas históricas, estudo e protecção que tem merecido atenção carinhosa dos respectivos governos locais.

A fotografia aérea tem sido útil e largamente empregada em várias regiões africanas para reconhecimento e rápido levantamento de monumentos e ruínas arqueológicas.

O coronel Baradez publicou em 1949 um importante volume sobre o reconhecimento aéreo da fronteira romana ao Sul da Argélia. O ilustre investigador do Instituto Francês da África Negra, Raymond Mauny tem intensamente preconizado a utilização do método na África Ocidental Francesa, onde se estabeleceu para esse fim uma vantajosa colaboração entre o Comando Militar Aéreo respectivo e a Secção Arqueológica e Histórica do Instituto. Já se fotografaram assim: a parte antiga de Tumbuctu, as ruínas de Tegdaust, de Es Suq, de Kumbi Salé (talvez Gana), do norte de Gao, das vizinhanças do forte d'Arguim, de Terenne, de Ualata, de Bankor, de Dielibakoro (talvez um dos centros de Mali), de

Djeuné, de Gundam, de Hamdallaia, de Medina, de Segu, todos êles lugares na Mauritânia e do Sudão, e, por fim, Agadès no Niger.

Mauny pensa que a cidade real de Gana, citada por El Bekri, só poderá ser localizada num vôo de reconhecimento, com um arqueólogo a bordo. O mesmo autor apresenta uma lista de ruínas e monumentos da Mauritânia, do Sudão, do Niger, do Dahomey, do Alto-Volta, do Senegal, da Costa do Marfim e da Guiné Francesa, que seria ainda desejável fotografar de avião. As fotografias, segundo a vertical a altitudes variáveis (1.000^m em média); segundo a importância da estação, seriam preferíveis, mas nalguns casos (como povoações em que haja monumentos) conviriam fotografias oblíquas a pequena altitude.

*

* * *

Uma leitura, mesmo rápida, dos livros de pré-história e arqueologia africanas de Frobenius, Burkitt, Leakey, Furon (capítulos africanos do seu manual de Pré-história), De Pedrals, etc., conduzirá imediatamente quem a fizer, a uma dupla conclusão: a duma riqueza enorme — e até há pouco, não suspeitada — da África ao Sul da Sáara, em estações arqueológicas das mais diversas idades e tipos, e a de que é desigual, profundamente desigual, o interesse turístico dessas estações, umas em relação às outras.

Estações de superfície ou de profundidade das mais remotas idades, grutas outrora povoadas pelo homem primitivo, megálitos, necrópoles, templos, recintos fortificados, antigas explorações mineiras, antigas povoações, localizações de simples achados singulares, tudo isso suscita naturalmente o interesse científico e as providências de inventariação e conservação que há unanimidade em recomendar.

Mas, por mais que seja desejável imprimir ao turismo o nível duma cultura elevada, deve reconhecer-se que haveria exagero e desvantagem em promover um interesse indiscriminado dos turistas pelos

milhares de estações e monumentos arqueológicos que existem em África. Aliás, a propaganda poderia resultar negativa perante a decepção que *in loco* sofreriam muitos turistas em sítios de que a ausência do menor vestígio exterior, o esvaziamento total de restos de edificações e de peças mobiliárias, o carácter puramente científico ou erudito das investigações feitas ou a falta de qualquer simbolismo evocador, nada deixariam surgir de interessante aos olhos do visitante medianamente culto ou não especializado, mesmo aos de maior poder de imaginação.

Decerto, em relação a algumas grandes aquisições da Ciência com universal notoriedade, a simples indicação do local em que elas se realizaram, pode, por si só, constituir um estímulo à curiosidade reverente de muitos. Mas para muitas estações pré-históricas e históricas só o técnico ou o especializado pode encontrar interesse no exame do local, das condições do meio, do aspecto do terreno, de cortes deste, etc. Um leigo não perdoaria nunca a imposição duma longa viagem, fatigante e dispendiosa, para ver onde se fez um achado arqueológico, mesmo cientificamente interessante, mas igual a muitos outros e que lhe bastaria ver comodamente num museu mais acessível.

Decerto as facilidades turísticas devem também ser proporcionadas aos investigadores e especialistas. Mas a atenção das outras pessoas poderá e deverá ser provocada, sobretudo em casos especiais, de maior notoriedade ou susceptíveis de maior interesse para o grande público, por pequenas brochuras de divulgação, enriquecidas com planos, fotografias, esquemas, etc., e por indicações *in loco*, como as de níveis arqueológicos em cortes, análogas, por exemplo, às que ilustram a sucessão de camadas ou culturas nas estações da região francesa de Les Eyzies.

Em locais de sensacionais ou importantes achados de que hajam desaparecido os sinais externos de ruínas ou espólios revelados por explorações arqueológicas, uma ou mais tabuletas ou placas indicadoras poderão assinalar sumariamente a localização, a natureza e a importância dos documentos arqueológicos obtidos, em tais explorações.

Além de ruínas de antigas povoações, recintos e edificações (decerto mais perduráveis quando construídos em pedra do que em terra ou madeira), além de locais abertos de achados célebres ou de importância excepcional, têm interesse particular algumas grutas habitadas pelo homem primitivo ou certas estações mais interessantes de arte rupestre. Seria evidente exagero considerar como atractivos, todos iguais, de curiosidade turística as milhares de estações dessa arte, encontradas até hoje no continente africano. O leigo não levaria a bem que lhe facultassem como objecto para a sua atenção umas gravuras ou pinturas reduzidas a meia dúzia de pontos ou traços sem interesse aparente, muitas vezes mesmo de cronologia e origem demasiado vagas, e as quais, nalguns casos, teriam mesmo para os especialistas um valor documental muito precário e discutível.

Nesta ordem de ideias, sem abandonar as sugestões do Congresso de Nairobi sobre o interesse turístico existente na conservação, propaganda e acessibilidade de monumentos e estações pré-históricas e proto-históricas, julgo conveniente que a propaganda turística e o estabelecimento de facilidades de acesso e permanência não tenham um carácter indiscriminado e genérico, mas incidam especialmente sobre as estações arqueológicas de maior importância científica ou histórica, ou seja das de maior valor simbólico e educativo para a grande generalidade dos turistas.

Assim, proponho que o 4.º Congresso de Turismo Africano tome as seguintes resoluções sobre a matéria:

- 1.º — Renovar as decisões que relativamente a estações pré-históricas e históricas e a locais de interesse científico e estético foram adoptadas no Congresso de Nairobi, e congratular-se com a consideração que essas decisões receberam da parte de numerosos serviços oficiais e organismos privados;
- 2.º — Promover estreito entendimento entre as organizações turísticas e as entidades especializadas

no estudo e conhecimento daquelas estações e locais no sentido de por estas entidades serem fornecidos os elementos necessários para uma discriminação das ditas estações e locais, segundo o seu valor turístico, e para a adopção das providências, conformes com tal discriminação, no que respeita ao esclarecimento, tanto quanto possível, dos turistas sobre o interesse, a natureza, a significação e os aspectos predominantes dos monumentos, ruínas, jazidas e lugares cuja visita se recomenda e facilita.